

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E AMBIENTAL: O PARQUE DA CIDADE DE SÃO
JOSÉ DOS CAMPOS**

VINIE PEDRA – PPG-PUCCAMP

O estudo de caso do Parque da Cidade de São José dos Campos, no contexto de uma discussão sobre patrimônio arquitetônico e ambiental e de suas relações com a memória, história e identidade urbana se justifica por sua importância para o cenário modernista brasileiro. Declarado como área de preservação arquitetônica e ambiental em janeiro de 2004, o parque surge durante o processo de industrialização, quando abriga a *Companhia de Fiação e Tecelagem Parahyba*. Posteriormente, na década de 50, recebe obras com projetos de Rino Levi, complementadas pelo paisagismo de Burle Marx. Uma análise histórica do parque destacando suas transformações sócio-econômicas visa compreender sua contextualização no processo de evolução urbana de São José dos Campos.

Os projetos de Rino Levi executados para São José dos Campos são destacáveis no conjunto da obra do arquiteto, especialmente no que concerne à relação entre arquitetura e cidade, interior e exterior, edifício e paisagem. Num contexto marcado pela conscientização ambiental e pela quebra de antigos preceitos de escala e parâmetros projetuais, sua obra se insere no movimento modernista, movimento no qual arquitetos voltam seu olhar à cidade, aos espaços públicos e à integração entre eles, e revela a preocupação com o espaço exterior e com os espaços destinados ao recreio e convívio cada vez mais necessários à população.

Muitos arquitetos contribuíram para o desenvolvimento de uma nova arquitetura no Brasil modernista. Poucos, entretanto, tiveram tamanha visão do papel do edifício e seu entorno como Rino Levi. Formado pela *Scuola Superiore di Architettura di Roma* em 1926, Levi trás para o Brasil os ensinamentos do professor *Piacentini* que estudava as especificidades do projeto urbanístico e defendia a importância de um estudo – e de uma

concepção global da cidade¹. No estudo da obra de Rino Levi, evidencia-se a presença de seu mestre refletida, sobretudo, na preocupação em conectar o exterior com o interior.

Em meados dos anos 50, Rino Levi foi convidado pela família Gomes, proprietária da *Companhia de Fiação e Tecelagem Parahyba* em São José dos Campos, para realizar o projeto de sua residência. Essa relação de amizade e profissionalismo culmina com as obras de ampliação da *Tecelagem* e da fazenda *Santana* que anos mais tarde vieram a se tornar o Parque da Cidade de São José dos Campos.

Com o projeto da residência de Olivo Gomes, segundo Anelli², se realiza o melhor exemplo de síntese das artes: “Nada é supérfluo: desde o paisagismo e os painéis de azulejo e mosaico e a iluminação, tudo se articula organicamente, desempenhando alguma função na realização do partido do projeto”. A parceria desenvolvida com Burle Marx na residência Gomes resulta num projeto totalmente integrado à paisagem no qual a casa, situada nos limites da várzea do rio Paraíba, se debruça sobre a paisagem e se torna parte dela através dos painéis de vidro.

Após a obra da residência da família Gomes, uma série de novos projetos se sucede, entre eles, o projeto para o complexo industrial da *Tecelagem Parahyba* que abrange: o *Mercado* e o *Conjunto Residencial para Operários* (1951 e 1953) - com creche, jardim da infância, centro de saúde e igreja – o *Galpão para Equipamentos* (1953), o *Hangar para aviões* (1953) e *Posto de Gasolina* (1953), o *Estádio de Futebol* (1957) e a *Usina de Leite Parahyba* (1963)³.

Nas décadas de 50 e 60 a acelerada industrialização do Vale do Paraíba provocou um grande crescimento da produção da *Tecelagem Parahyba*. Abrangendo uma área total de 150.000 m² e chegando a empregar 1200 funcionários, a fábrica liderava nessa época o mercado nacional de cobertores e mantas, correspondendo a 70 % desta produção. Com um crescimento sem precedentes desde a sua fundação, em 1926, a fazenda da *Tecelagem*

atingiu destaque em produtividade, despertando até mesmo a atenção da *Fundação Rockefeller* e passando a sediar vários eventos internacionais⁴.

Paralelamente ao desenvolvimento econômico provocado pela instalação do complexo, o bairro de Santana, onde se encontrava instalada a *Tecelagem Parayha*, foi espectador de mudanças no aspecto social e cultural. A população de São José dos Campos crescia, especialmente a do bairro de Santana, em função do êxodo da zona rural do município e sua base produtiva era modificada. Chocavam-se os valores de uma população de tradição agrário-comercial com os valores de um novo núcleo urbano-industrial em crescimento⁵.

Com a existência cada vez maior de população assalariada no bairro houve um crescimento no setor comercial e de prestação de serviços. O acesso ao consumo de determinados bens e artefatos propiciou a consolidação de estabelecimentos comerciais na área e conseqüentemente dinamizou o setor terciário da economia⁵. O crescimento econômico e as modificações urbanas eram incentivados pela *Tecelagem* de forma paternalista através da doação de materiais, empréstimo de equipamentos e até de dinheiro. Tal crescimento pode ser percebido principalmente ao final da década de 40 quando a fábrica tinha uma produção anual de 4 milhões de cobertores.

A mesma relação paternalista existente dentro da fábrica entre patrões e empregados, era vista fora dela em momentos de lazer. A fábrica era o centro de todas as atividades do bairro, principalmente durante os festejos da padroeira da fábrica – Nossa Senhora da Conceição. Os portões da fábrica eram então abertos para que os operários e suas famílias pudessem usufruir da infra estrutura da fábrica e da área da fazenda. O acesso ao complexo da *Tecelagem* se estendia em algumas situações até mesmo à casa de Olivo Gomes e aos seus jardins.

A falta de outros espaços de lazer para a população do bairro (cerca de 80 % da população do bairro trabalhava na tecelagem) e a pesada carga horária de trabalho (a fábrica funcionava também aos sábados), além da relação paternalista, mencionada anteriormente, acabaram por transformar a área livre da fazenda, tanto aquela relativa ao

complexo industrial como a dos jardins da casa de Olivo Gomes, nos mais acessíveis locais de recreação e lazer para as famílias operárias. Desta forma, a população foi se apropriando desta área onde se encontra inserido hoje em dia o Parque da Cidade de São José dos Campos, transformando um espaço privado em público.

O atual Parque da Cidade de São José dos Campos juntamente com a *Tecelagem Parahyba*, constituem patrimônio arquitetônico e ambiental declarado como área de preservação em 05 de Janeiro de 2004 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural do Município de São José dos Campos – COMPHAC⁶, sendo que em Julho do mesmo ano o parque tornou-se legalmente público e pertencente à Prefeitura da cidade.

O arquiteto Rino Levi uniu paisagem e arquitetura, casa e fábrica, na realização de seus projetos para a família Gomes. A apropriação espontânea do parque pela população do bairro de Santana certamente consolidou a intenção inicial do arquiteto em unir o público e o privado e proporcionou a um bairro relativamente isolado da malha urbana central um espaço de lazer e convívio social.

Atualmente com 516 mil metros quadrados o Parque da Cidade abriga o *Museu do Folclore*, a *residência Olivo Gomes* e a *Usina de Leite*. Além disso, a população pode usufruir dos lagos, anfiteatro, ilha artificial, trilhas para caminhadas, animais e aves diversos. Uma pequena parte da *Tecelagem* ainda funciona. Nada comparado, entretanto, com suas atividades intensas nas décadas de 30 a 70. Além disso, atualmente funcionam em suas instalações órgãos governamentais como a Fundação Cultural Cassiano Ricardo e o COMPHAC⁷.

De acordo com a organização americana PPS (Project for Public Spaces) alguns importantes passos envolvem o processo de renovação de parques urbanos: deve-se primeiramente compreender o papel na comunidade em que está inserido, isso determinará o programa de necessidades do parque e poderá transformá-lo num espaço com sentido de “lugar”. Um bom parque oferece múltiplas atividades para todas as idades e grupos sociais e seu acesso deve ser facilitado para usufruto da comunidade. O parque deve ser limpo,

atraente e seguro. E o mais importante: o parque deve ser um lugar para conhecer pessoas, uma parte integrante da vida em comunidade.

Alguns parques do mundo podem ser citados como exemplos de renovação de sucesso: o Parc Guell - Barcelona, o Kungsträdgården - Stocolmo, Saint James Park – Londres e o Central Park - NY. Durante a aplicação dessas experiências foi preciso pensar na comunidade não esquecendo também da fragilidade patrimonial que se estava lidando, pois pelo fato de serem projetos com matéria prima “viva”, uma má intervenção poderia causar a perda do traço de seu idealizador para sempre.

Esforços diários por parte de historiadores e arquitetos são feitos para que este patrimônio arquitetônico-ambiental não seja esquecido ou depredado. Apesar disso, algumas obras de autoria de Rino Levi encontradas no parque estão em rápido declínio. O hangar⁸ de aviões, por exemplo, construído em 1965, desabou em Maio de 2002 sem que houvesse qualquer menção por parte da imprensa local. Outras obras do arquiteto que fazem parte do complexo da *Tecelagem Parahyba* como a *Usina de Leite*, o *galpão e posto de gasolina para caminhões* também se encontram em situação precária de manutenção ou em ruínas. O parque carece de manutenção e é motivo de preocupação das autoridades no que concerne à violência urbana. Poucas atividades de lazer acontecem no local e corre-se o risco de transformar o parque, local de convívio social, em espaço intocado: “Quando parques urbanos não são atraentes e oferecem poucas atividades recreativas há poucas razões para atrair usuários e o perigo disto é a desvalorização desses espaços fadando-os ao fracasso”⁹.

A contribuição do Parque da Cidade de São José dos Campos vai muito além dos limites históricos aqui apresentados. Importa perceber sua relevância para a arquitetura e o paisagismo brasileiros, mas principalmente para a comunidade que dele usufrui. Assim, o parque aqui estudado poderá cumprir seu papel mais importante: o de “lugar” público.

¹, Célia Helena de Castro Gonsales. **Residência e cidade - arquiteto Rino Levi** texto publicado em *arquitextos*, Janeiro, 2001.

², Renato Anelli. **Rino Levi Arquitetura e cidade**. São Paulo, Ed. Romano Guerra, 2001.

³ Fernando Serapião. **Rino Levi: o racionalista dos trópicos**. Revista Projeto Design, edição 262, Dezembro, 2001.

⁴ Fabio Ricci. **Origens e Desenvolvimento da Indústria Têxtil no Vale do Paraíba paulista**. Resumo de Tese (Doutorado). 24p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

⁵ José Oswaldo Reis de Oliveira et al. **Sant'anna, São José dos Campos: evolução histórica e diretrizes urbanas**. Série Planos Diretores da região do Vale do Paraíba, Mantiqueira e Litoral Norte, São José dos Campos, Outubro 1999.

⁶ LEI Nº 6493 publicada em edital no dia 05 de Janeiro de 2004.

⁷ Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural do Município de São José dos Campos – COMPHAC.

⁸ O hangar está em processo de tombamento no Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo).

⁹ Fred Kent & Kathy Madden. **Creating Great Urban Parks**. Seattle Urban Parks Institute workshop, Seattle, 1998.